



A caçada de Raquel

Alexandre Santos

Escrito em dezembro de 2007, o conto, que integra a trilogia 'A armadilha tecnológica', relata uma das versões do desfecho do triângulo amoroso vivido por Barbara, Raquel e Pedro Henrique.

“De hoje ele não me escapa”, urrou Raquel, quando, finalmente, descobriu onde estava Pedro Henrique.

Desde que ficara rico, Pedro Henrique não mais era o mesmo. Parara até de procurar seu corpo e seus carinhos. De que adiantava viver numa mansão de três níveis, com piscina, churrasqueira e sauna, se precisava da vigilância de um circuito interno de TV, segurança armada, blindagem nos carros e não tinha Pedro Henrique? Em meio a suspiros, Raquel lembrava dos tempos nos quais, ainda pobres, faziam jogos de amor no pequeno apartamento mal mobiliado, brincando sobre almofadas largadas ao léu sobre o tapete de quarta categoria que cobria o piso da sala minúscula. Naquele tempo, simples vendedor autônomo, Pedro Henrique era mais ‘gente’, mais ‘família’. Mas, quis o destino e o comércio que ele enriquecesse e, agora, de negócio em negócio, de reunião em reunião, Pedro Henrique passava pouco tempo em casa e, pior, quase nenhum com ela. “Onde você esteve ontem, o dia todo?”, Raquel se queixava todos os dias no café-da-manhã – única refeição que faziam juntos. “Por que você não me localizou no GPS? Eu estava lá”, retrucava Pedro Henrique com um misto de ironia, raiva e, ainda, de orgulho do sistema de segurança que mandara instalar em todos os carros que possuía. A resposta sistemática deixava Raquel irada, pois, além de lembrar sobre sua incapacidade de lidar com a tecnologia moderna, mostrava que o marido se contentava em ser substituído por um pontinho verde na tela de um computador.

Para Raquel, criada em ambiente religioso que cultivava fervorosa crença na teologia da prosperidade, seu problema familiar não era coisa do dinheiro e, sim, de mulher. “Pedro Henrique tem outra mulher”, pensava Raquel, que desconfiava da secretária boazuda, uma tal Amanda, de carinha bonita, cabelos compridos, cintura fina e bunda empinada. Tomada por crescente ciúme, Raquel resolveu marcar Pedro Henrique sob pressão, ligando-lhe milhares de vezes. Mas, ele deixou de atender ao telefone. Com a modernização da empresa, as ligações feitas para o celular passaram a ser redirecionadas para a mesa de Amanda. E a resposta, depois de uma eternidade de espera, era sempre a mesma: “Dr. Pedro Henrique disse que, depois, liga para a senhora”. O sarcasmo da rival era evidente.

O sexto sentido falou mais alto e, cada vez mais humilhada, Raquel notou que seu drama era conhecido por todos. Olhares furtivos, conversas abafadas e sorrisos disfarçados denunciavam que todos, rigorosamente todos – amigos, vizinhos, parentes, empregados e, até mesmo, desconhecidos – sabiam do belo chifre que ela estava levando. A lembrança de

Amanda, com seu rosto bonito, corpo escultural e trejeitos afetados, era demais para Raquel, que, um dia, resolveu desmascarar a traição.

Decidida a descobrir a vida secreta de Pedro Henrique, Raquel exercitou toda a paciência que uma mulher ferida pode se permitir e, sem afrouxar a vigilância que, naturalmente, mantinha sobre o marido, trocou o hábito de passear no shopping por aulas de computação. No começo, interessada apenas em não passar por idiota todas as manhãs, queria unicamente emergir do pântano que afoga os analfabetos digitais. Mas, depois, encantada com as possibilidades daquele novo mundo, em viagens surpreendentes pelas ondas da Internet, vislumbrou formas até então inimagináveis de acompanhar os passos do marido. Estudou a fundo o programa de Sistema de Posicionamento Global e, sem que o marido tivesse a mais remota desconfiança, passou a segui-lo por onde quer que o carro dele estivesse. O cruzamento dos sinais emitidos pela constelação de satélites e estações terrestres dizia a Raquel exatamente onde Pedro Henrique estava.

Belo dia, ainda no começo da noite, de seu posto de observação à frente do computador, Raquel percebeu uma mudança de hábito no marido. O sistema GPS informava que, contrariando a rotina dos últimos tempos, Pedro Henrique estava voltado para casa. Animada com a possibilidade de finalmente ter uma noite a sós com o marido, Raquel desligou o computador, arrumou o cabelo e correu para o quintal. Esperava receber o marido com um longo beijo e sonhou mil coisas. Mas, o sonho durou pouco. De fato, como o computador adiantara, não tardou e Pedro Henrique chegou em casa. Mas, não da forma com Raquel esperava. Evitou seu beijo e, se dizendo apressado para uma reunião, correu para o banheiro. Amargurando a decepção, Raquel ouviu como Pedro cantarolava enquanto tomava um longo banho. Meia hora mais tarde, todo perfumado e de roupa nova, Pedro Henrique saiu para mais um 'jantar de negócios' sem sequer beijá-la.

"É hoje", pensou Raquel, já antevendo o confronto com Amanda (aquela quenga). Correu para o escritório e ligou a parafernália tecnológica visgando o olho no localizador GPS. A tela mostrava o carro de Pedro Henrique se deslocando para a zona sul, surpreendendo Raquel, que já descobrira que Amanda (aquela sirigaita) morava na zona norte. "Ela deve estar na casa de alguma amiga", imaginou a mulher traída. Em trinta e cinco minutos, o carro de Pedro Henrique estacionou. O sistema dizia, com precisão, o local: Avenida Beira Mar, 6.690, Barra de Jangada, Jaboatão dos Guararapes. Com habilidade, Raquel consultou o site da companhia telefônica e, prontamente, verificou que aquele era o endereço do 'Costa do Sol', conhecido reduto de casais que não podiam circular livremente pela noite do Recife. "De hoje ele não me escapa", urrou Raquel, levantando-se abruptamente.

A cólera era tanta que, ao chegar ao Costa do Sol, Raquel sequer lembrou de pagar ao taxista – um senhor de meia idade que, nos quarenta minutos da corrida, ouviu pacientemente sua história. Como um touro enlouquecido, Raquel invadiu o restaurante pouco se lixando para a recepcionista e, sem olhos para as outras pessoas que estavam no salão, correu aos berros para a mesa em que estava Pedro Henrique. Para sua surpresa, a mulher que fazia carinhos no rosto do marido não era Amanda. Isto, no entanto, era o que

menos importava. Como uma leoa ferida, Raquel explodiu em palavrões, esculachando a mulher que abraçava seu homem. Gritou, gritou, gritou. Raquel só parou de gritar quando Pedro Henrique a pegou pelo braço e, com alguma violência, a arrastou para o estacionamento. “Me largue, seu filho-da-puta, que eu quero matar aquela quenga”, ainda gritou antes de ser praticamente jogada no carro do marido. Naquele momento, o mundo escureceu e Raquel desmaiou.

Acordou no meio da noite. Estava só. “Onde estará Pedro Henrique?”, pensou Raquel. Pulou da larga cama de casal e foi buscar resposta para sua pergunta na tela do computador.

(*) Alexandre Santos é presidente da Academia de Letras e Artes do Nordeste